

Astúcias da razão

César Benjamin

Folha de S. Paulo, 13 de dezembro de 2008

É um engano pensar que o neoliberalismo esteja morrendo. As ideologias não têm porta de saída. São infinitamente capazes de reinterpretar os fatos e assimilá-los. O que mudará é o lugar desse pensamento na sociedade. Ele havia se tornado arrogante, reivindicando em economia a condição, epistemologicamente absurda, de pensamento único.

A idéia de que possa existir um pensamento único pressupõe que a realidade seja evidente. É uma contradição em termos: se a realidade fosse evidente, o próprio pensamento seria desnecessário; viveríamos em um mundo de meras constatações. A humanidade compreendeu há milênios que objetos, situações e relações não se deixam conhecer imediatamente. Precisam ser interpretados. Por lidar com interpretações, o pensamento está condenado à pluralidade. Nenhuma interpretação esgota o real.

Não existe, pois, pensamento único. Existe pensamento hegemônico, aquele que em certo período se torna senso comum. Mas, como diziam alguns clássicos, a razão é astuta, quer progredir: o destino de qualquer pensamento hegemônico é atrair a mediocridade, que adora o senso comum. O esforço intelectual mais vigoroso tende a migrar para o pólo contra-hegemônico. Quando uma corrente ousa reivindicar a condição de pensamento único é sinal de que sua hegemonia está chegando ao fim, pois está entregue a incompetentes.

No imaginário neoliberal, o mercado é o espaço de interação de agentes que não conseguem controlar os processos de troca a ponto de impor os seus fins aos demais. Ao governo, nessa visão, cabe cuidar apenas de preservar certas condições que permitam o

mercado operar. Não deve haver futuro pensado, desejado, concertado. Fora do âmbito das empresas, não deve haver metas, pois se a sociedade define metas torna-se necessário intervir conscientemente nos processos econômicos. A alocação dos recursos será ótima se for produzida pelo mercado, simplesmente porque o mercado produz uma alocação qualquer, desconhecida, imprevisível, considerada ótima por critérios internos à própria teoria que o glorifica. Não importa saber se essa alocação ótima produzirá uma existência humana melhor. Esse não é um problema de economia.

Na vida real, em quase trinta anos de hegemonia, o neoliberalismo só conseguiu produzir menores taxas de crescimento, maior desigualdade social e crises recorrentes, que culminaram na grande crise atual. Mesmo assim, repetia que era preciso dobrar a aposta, pois “o modelo ainda não foi completamente implantado”. Quantas vezes ouvimos falar em reformas de primeira geração, de segunda geração, de terceira geração?

Compreende-se: sendo o livre mercado apenas um tipo ideal, incapaz de organizar toda a vida social, então, por definição, a implantação do modelo neoliberal está sempre incompleta. Tal discurso se legitima em qualquer circunstância. Os fracassos também o fortalecem, pois ele conta com uma fuga para a frente: “Isso e aquilo estão atrapalhando o mercado.” Esse argumento pode ser repetido até o infinito, pois sempre haverá instituições e práticas que “atrapalham” o mercado. Como a vida das pessoas não pode ser reduzida a operações de compra e venda, qualquer sociedade organizada transcende o mercado, qualquer uma contém e recria importantes instâncias não mercantis, apontadas como culpadas.

A incapacidade de realizar-se é, simultaneamente, uma fraqueza do modelo, no plano da realidade, e uma fonte de seu vigor, no plano do discurso. Mantém-se em ação um moto-perpétuo. Nos deixamos conduzir por ele durante alguns anos. Deu no que deu. Mesmo hoje, as evidentes inconsistências do projeto neoliberal levam os seus defensores a concluir que é preciso preservá-lo, talvez fazendo algumas correções. Só se sai de uma ideologia por ruptura.

